

CORPO E A INDUMENTÁRIA FEMININA DOS ANOS 1920.

Female body and clothing of the 1920's

Calvet; Júlia Hasselmann; SENAI-CETIQT, julia_calvet@hotmail.com
Barbosa; Luciana; Mestre em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, lucianabdesousa@gmail.com.

Resumo: O artigo explora as relações entre a indumentária feminina da década de 1920, o movimento feminista e corpo feminino. Entende-se, nesse estudo, que o corpo funciona como um suporte para as vestimentas. Dessa maneira, procurou-se entender como o corpo se inseria nesse período e sociedade e observar como as mudanças políticas, sociais econômicas dessa sociedade influenciaram as transformações das roupas.

Palavras chave: Indumentária; corpo; feminismo.

Abstract: The article aims to explore relationships between the feminine clothing of the 1920s, the feminist movement, and the female body. This study considers that the body acts as a support for the clothing. Therefore, we wish to understand how the body was framed in this period and society and to observe how the political, social and economic changes of that society influenced the transformations of the clothes.

Keywords: Clothing; body; feminism.

Introdução

Essa pesquisa¹ pretende fazer um reconhecimento das relações entre a sociedade da segunda década do século XX e as transformações do vestuário feminino do mesmo período na Inglaterra. O trabalho tem a intenção de compreender como o movimento feminista influenciou a indumentária característica dos anos vinte, bem como o corpo da mulher.

¹ O presente artigo foi retirado de um capítulo do meu Projeto de conclusão de curso, na graduação de Artes – habilitação em figurino e indumentária da faculdade SENAI- CETIQT, que localiza-se na cidade do Rio de Janeiro. O estudo monográfico realizado no segundo semestre de 2016 tem como título “**O movimento feminista e a indumentária dos anos 1920 na Europa:** Vistos a partir do figurino de Lady Mary do seriado televisivo “Downton Abbey”.

O objeto desta pesquisa é a indumentária feminina da segunda década do século XX na Europa. Porém, não pode-se deixar de ter em mente que o corpo feminino estrutura-se como suporte para essa indumentária, dialogando com ela e transformando-se na medida dos acontecimentos históricos, adaptando-se às novas condições que a cercarão. Por isso, esse artigo pretende encontrar caminhos teóricos para pensar a ideia de corpo feminino como objeto de pesquisa a partir do livro “História da sexualidade – a vontade do saber”, do filósofo francês Michel Foucault (2015) e apresentar as características da indumentária feminina da década de 1920, de acordo com as transformações ocorridas na sociedade, bem como no corpo feminino como sustentação para o vestuário. Para isso, também serão utilizados teóricos da indumentária como François Boucher, Anne Hollander e James Laver.

Corpo Feminino

Sentiu-se necessidade de apresentar uma discussão sobre o corpo da mulher porque é através dele que um dos objetos de pesquisa desse estudo – as vestimentas da década de 1920 - se apoiam e se sustentam. Em relação ao outro objeto, o feminismo, não seria possível fazer um estudo sobre a roupa sem mencionar as relações que o corpo estabelece com a sociedade.

Foucault (2015), na “História da sexualidade – a vontade do saber” descreve uma história da sexualidade, a qual será desenvolvida e concluída nos dois outros volumes que acompanham essa obra. Para esse fim, o autor narra sobre essa história entre os séculos XVII e XX, fazendo um panorama temporal, explicando de que maneira os discursos sobre o sexo se multiplicaram e se estabeleceram com uma relação estreita com o poder. Acredita-se que essa leitura poderia auxiliar a pensar qual era o lugar da mulher no contexto histórico estudado e de que maneira as vestimentas trajavam esse corpo.

Em primeiro lugar, Foucault (2015) relata a tese repressiva. Essa expõe o pensamento de alguns escritores sobre uma maior repressão do discurso do sexo a partir do século XIX. O enunciado sobre o sexo, segundo ele, estaria confiscado dentro das casas, falar sobre sexualidade passou a ser vergonhoso. Ou seja, o sexo teria se calado. Contudo, a teoria do filósofo não é essa. Para ele, aconteceu justamente o contrário: os discursos sobre a sexualidade se

proliferaram, porém, permeados por regras, normas e regulamentações do poder.

No trecho abaixo, apresenta-se a teoria do escritor de que havia, no momento citado, um aumento na quantidade e multiplicidade desses discursos sobre sexualidade.

“Mas esta primeira abordagem mostra tratar-se menos de um discurso sobre o sexo do que de uma multiplicidade de discursos, produzidos por toda uma série de mecanismos que funcionam em diferentes instituições. A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política” (FOUCAULT, 2015. p.37)

Na passagem acima, pode-se observar algumas instituições que regulavam o discurso sobre o sexo, de acordo com o autor. Em primeiro lugar, a sexualidade era colocada em pauta através da confissão, aparelho da Igreja Católica, para liberar os fiéis de seus pecados. Esse modo de discurso não era uma escolha do fiel, era uma obrigação dessa religião. A partir desse momento, conforme é relatado no livro, a medicina toma o lugar de confessor. Os pacientes vão até os doutores para contar sobre a sexualidade. Nessa perspectiva, a fala com os doutores é feita para o entendimento do que é “normal”, o que deveria ser colocado como correto, ou não, em relação ao sexo.

Há quatro grandes grupos, segundo o escritor, que desenvolvem dispositivos de saber sobre o sexo em conjunto com o poder, que existem a partir do século XVII. São eles: histerização do corpo da mulher, socialização das condutas de procriação, psiquiatrização do prazer perverso e pedagogização do sexo da criança. Nesses grupos, o corpo da mulher é colocado dentro de um papel específico para a sociedade, no qual esse deve fazer parte de um trio: matrimônio, maternidade, espaço familiar/ casa. O corpo feminino, portanto, serve a sociedade ocidental – a escrita do autor se refere ao século XX - em uma função reprodutiva, na obrigação de uma relação heterossexual, adulta, que não se separa do matrimônio. Além disso, o espaço que ela deve frequentar, isto é, em que esse corpo deve permanecer, é o espaço do lar, da casa, onde ela pode e deve fazer o papel de mãe e esposa.

É a partir desses discursos sobre a sexualidade, envoltos de normas e leis, que começaram a haver as subversões, nas quais as pessoas começam a não se encaixar nessas regulamentações. E a partir disso, esses ficavam a margem, excluídas da “normalidade” sexual. No discurso sobre a sexualidade, essas pessoas, estariam infringindo as regras, sendo taxadas de loucas, pervertidas ou doentes. Um exemplo disso é a homossexualidade, o incesto, o sexo da mulher fora do casamento, entre outros. Nesse sentido é possível fazer uma relação com o corpo feminino, como será descrito melhor adiante.

As mulheres, a partir do final do século XIX e início do século XX, passaram a criar estratégias para fugir desse controle e desse papel imposto pela sociedade, subvertendo as normas impostas. A primeira dessas táticas foi começar a sair desse espaço da casa para trabalhar fora, ação que se intensificou principalmente no momento da Primeira Guerra Mundial. Na Europa, essa saída da mulher do espaço do lar pode ter sido um incentivo para a intensificação na luta por direitos igualitários entre gêneros. A partir dessa ação feminina, ficou evidente que, para as mulheres terem mais espaço e voz na coletividade, era necessário a busca por representação no espaço político.

A partir do ano de 1897 as mulheres, conhecidas como sufragistas ou sufragetes, começaram a criar associações defensoras e favoráveis ao voto feminino e universal, algumas mais radicais do que as outras. Foram necessárias, portanto, algumas ações drásticas e muita militância de mulheres com posições políticas firmes, para que o parlamento inglês após o conflito reconhecesse o direito a voto feminino. Em 1918 nas eleições legislativas, as mulheres já faziam parte de 40% do eleitorado (por volta de 8 milhões de eleitoras).² Dessa maneira, foi no início dos anos 1920 que as mulheres conquistaram o direito de votar, esse momento foi chamado de primeira onda feminista. Segundo Céli Jardim PINTO (2010), iniciou-se na Inglaterra, espalhando-se para outros países. Esse período revelou-se como um marco do princípio das lutas das mulheres por direitos igualitários, sendo a primeira pelo sufrágio universal. Por isso, esse período foi escolhido como objeto dessa pesquisa.

² Cf. ABREU, 2002. p. 464.

Acredita-se que todas essas mudanças na sociedade podem ter influenciado na transformação do vestuário feminino e essas alterações nas roupas podem ter sido uma dessas estratégias femininas para auxiliar no rompimento dessa função social a elas atribuída. Dessa maneira, pode-se observar como as questões da sociedade, do corpo e da indumentária dialogam entre si.

Indumentária feminina

Em relação a indumentária, no final do século XIX e início do século XX, as moças possuíam uma silhueta curvilínea, no formato de ampulheta, a qual se ajustava pelo uso dos corpetes. Nesse momento, os bustos ficavam³ em evidência, sendo colocados para cima e esses corpetes transformavam o torso feminino em algo rígido, colocando os quadris para trás, dando à mulher um formato de “s” bastante característico da época.

De acordo com James Laver (2011), escritor inglês e pesquisador da área da moda, a indumentária da Belle Époque, como foi chamada na França, ou Eduardiana, denominada na Inglaterra, tinha como aspectos principais o uso de saias ajustadas nos quadris, que se alargavam nas suas barras, busto coberto até o pescoço, o uso abundante de rendas e decorações de plumas. Os chapéus tinham abas largas e podiam também ser adornados com penas, laços e rendas.

Figura 1 – Era Eduardiana



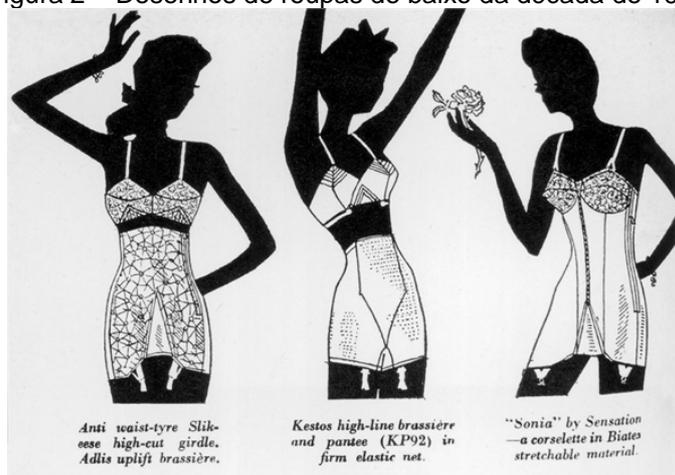
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/412783122073241213/>

³ Cf. LAVER, 2011. p. 213.

O visual da década de 1920 foi chamado de *a la garçonne*⁴. Ele diferenciava-se do anterior de maneira drástica. Esse estilo foi construído desde o pós-guerra e teve seu ápice em 1926, com a instauração de uma nova silhueta na moda, gerando, dessa forma, uma modificação no padrão de beleza. Anne Hollander (1996), historiadora americana, no livro “Sexo e as roupas”, aponta que, nesse momento, o biotipo retratado pelas revistas de moda era o esbelto, magro e sem curvas. Esse visual feminino, com características geralmente relacionadas à indumentária masculina, passou a ser um novo ideal de beleza. As curvas, tão ressaltadas nos períodos anteriores, agora eram escondidas. O corpete não deixou de ser usado e produzido, mas, diferente de antes, tinha o objetivo de achatar as formas curvilíneas do corpo da mulher. Essa moda, apesar desses traços, não tornava a mulher menos atraente e charmosa. O corpo passou a ser mais evidenciado, visto que a pele aparecia mais. Decotes em forma de “v” e tornozelos e braços estavam para fora, o que garantia a sensualidade da mulher dos anos vinte.

Na imagem abaixo, pode-se observar as *lingeries* utilizadas no período estudado. Elas tinham a intenção de manter o corpo feminino com poucas curvas.

Figura 2 – Desenhos de roupas de baixo da década de 1920

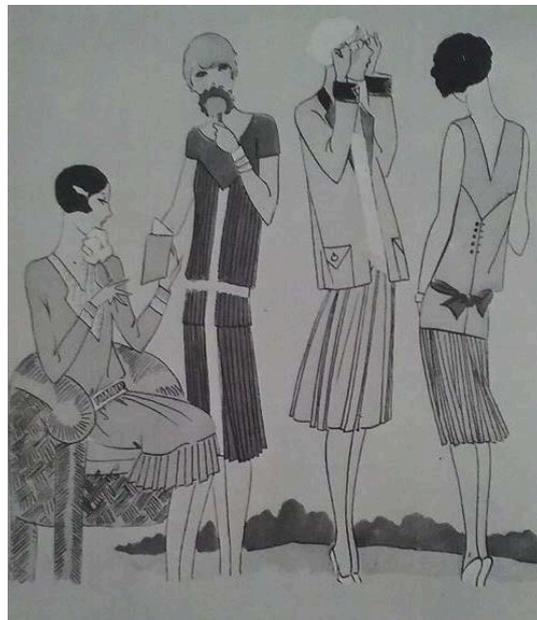


Fonte: <http://www.vogue.it/en/news/encyclo/fashion/i/lingerie>

⁴ Tal denominação foi inspirada em uma novela homônima que narra a história de uma moça jovem com anseios de ser independente (MENDES, 2003, p.53). Foi escrito por Victor Margueritte, na França. Os principais atores eram: Suzanne Balco, Ninon Balzan, Renée Carl e José Davert. Teve a sua transmissão no ano de 1923. (IMDB. La garçonne. Disponível em: http://www.imdb.com/title/tt0014072/?ref_=ttfc_fc_tt. Acesso em: 23 mai. 2016)

Os vestidos com cortes completamente retos, colocados por cima dessas roupas de baixo, possuíam um bom caimento, sem marcar as sinuosidades do corpo. Pode-se entender, então, que o corpo feminino se transforma a partir da de uma nova mulher, com um novo papel social. Porém, pode-se observar que esse ainda deve seguir padrões e regras desse novo estilo de vestuário.

Figura 3 – Vestidos de verão de 1926



Fonte: LAVER, 2011. p.232.

O padrão de beleza⁵ das mulheres da segunda década do século XX ficou marcado pela magreza e tentativa de alongar o corpo feminino. E, a partir de 1926 vê-se a solidificação do estilo desse período em comparação com o vestuário anterior. Nota-se a presença de características marcantes da época: a elevação das barras das saias e a mudança da cintura demarcada em volta dos quadris.

Dessa maneira, na primeira década do século XX, tais mudanças nos trajes das mulheres ocorreram⁶ devido a inúmeras influências. Esse trabalho investigou o movimento feminista como uma delas e como uma das estratégias para romper com a função de dona do lar, mãe e esposa, descrita por Foucault (2015). Segundo Boucher (2012), o guarda-roupa da mulher começou a se adaptar, nesse período, a um novo estilo de vida em que ela era mais livre, trabalhava fora de casa, cuidava de seus próprios filhos, fumava, podia participar

⁵ Cf. HOLLANDER, 1996.

⁶ Cf. LAVER, 2011. p.222.

da vida noturna de sua cidade, lutava por seus direitos, incluindo o ao voto. As roupas, portanto, passaram a ser modeladas de maneira que pudessem facilitar o cotidiano dessas mulheres e se adaptar às necessidades daquele momento.

Por fim, existiram inúmeros fatores que conduziram a moda desse período para uma transformação. Mudanças essas que estavam sendo observadas pela primeira vez na história da indumentária, como, por exemplo, o comprimento das barras das saias, o visual andrógino, o corte reto sem exaltação das curvas, cabelos curtos e práticos, sem penteados. Tudo isso tornou esse momento singular e adequado para essa pesquisa.

Considerações Finais.

Nesse artigo, identificou-se relações entre o movimento feminista e a indumentária feminina da década de 1920, entendeu-se que a indumentária, assim como o corpo visto como suporte desse vestuário, não são conteúdos constantes. Por meio da pesquisa feita, com auxílio das bibliografias, coletou-se evidências que mostram que a história do vestuário e as transformações da forma corporal são variáveis de um contexto, isto é, se modificam de acordo com a conjuntura social, política e econômica. Nesse sentido, as mudanças que ocorreram na maneira de se vestir, entre as décadas de 1910 e 1920, podem ter sido uma estratégia feminina para começar a transgredir o papel social imposto a elas.

Compreendeu-se também que, durante o período de 1910 e 1925, aconteceu uma mudança extrema na forma das roupas. Acredita-se que alterações na sociedade, as quais modificaram as relações de poder e mudaram o papel social da mulher, inspiraram a criação, paulatina, de uma forma nova de corte das roupas. Entendeu-se também que não é possível pensar em transformação da indumentária feminina sem pensar em alterações também no formato do corpo dessas mulheres.

Referências

Livros:

BOUCHER, F. **A história do vestuário ocidental**. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

HOLLANDER, A. **O sexo e as roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LAVER, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Anais e periodicos:

ABREU, Z. Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. **Arquipélago – Revista da Universidade dos Ações**. Ponta Delgada, v.6, 2º serie, 2002.

PINTO, C.R.J. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**. Paraná, v. 18, nº 36, 15-23 jun. 2010.